

QUANDO O ARQUIVO É UM CAMPO DE ENSINO DA HISTÓRIA: PELAS VIAS SENSORIAIS DA AMBIÊNCIA E DAS NARRATIVAS

Maria Goretti Cavalcante de Carvalho¹

RESUMO

Este texto aborda algumas reflexões sobre a organização e o uso de arquivos para as atividades de ensino da história, na medida em que se torna um campo definido por estratégias didáticas para a exploração de fontes arquivísticas, pelas vias sensoriais da ambiência e das narrativas. Questiona-se de que maneira o arquivo pode ser um campo das experiências de ensino de história, pelas vias sensoriais da ambiência e das narrativas, e quais seriam os impactos do ensino neste espaço de memória para a produção do conhecimento histórico? Pontua-se que o ensino de história em arquivos depende da sensibilidade e da singularidade, na tarefa do professor/historiador, alinhando-se os seus objetivos a um referencial teórico que discuta as recentes questões, com vistas à construção de conhecimento histórico, no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo é refletir sobre possibilidades de campo do ensino, buscando no arquivo um espaço de interrogação aos documentos e mediação da aprendizagem. Como exemplo, trazemos uma experiência de ensino de história no Arquivo da Vice Província Capuchinha-Maranhão-Pará - AVPCM, ocorrida no período de 2014 a 2017, com estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Indica-se que o arquivo pode ser um campo do ensino de história; um espaço diferente, como possível ampliação da consciência crítica do professor/historiador sobre a utilização de outros utensílios como a ambiência sensorial e as narrativas para a produção do conhecimento histórico nas práticas de ensino.

Palavras-chave: Arquivo, Narrativas, Ensino.

WHEN ARCHIVE IS A HISTORY TEACHING FIELD: THROUGH THE SENSORY WAYS OF THE ENVIRONMENT AND NARRATIVES

ABSTRACT

¹ Professora Adjunta I do Departamento de Educação e Filosofia - DEFIL, do Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual do Maranhão. Doutora em História (UNISINOS). Mestre em Educação e Licenciada em Pedagogia (UFMA). Atua na área da História da Educação (docente) e na História das Religiões (Pesquisa). Desenvolve a pesquisa sobre Educação Patrimonial e Ensino de História. Interessa-se pelo universo das Religiões e das religiosidades; sobre as ressonâncias destas esferas nos aspectos social e cultural nos processos de urbanização das cidades. E-mail: goretticavalcante2008@yahoo.com.br

79

This text addresses some reflections on the organization and the use of archives for history teaching activities, as it becomes a field defined by didactic strategies for the exploration of archival sources, through the sensory ways of the ambience and narratives. It is questioned how the archive can be a field of the experiences of teaching history, through the sensorial pathways of the ambience and narratives, and what would be the impacts of teaching in this memory space for the production of historical knowledge? It is pointed out that the teaching of history in archives depends on sensitivity and uniqueness, in the task of the teacher / historian, aligning its objectives with a theoretical framework that discusses recent issues, with a view to the construction of historical knowledge, in the process teaching-learning. The objective is to reflect on possibilities of the teaching field, searching in the archive a space for interrogating documents and mediating learning. As an example, we bring a history teaching experience in the Archive of the Vice Province Capuchinha-Maranhão-Pará - AVPCM, which took place from 2014 to 2017, with students from the Pedagogy Course at the State University of Maranhão - UEMA. It is indicated that the archive can be a field of history teaching; a different space, as a possible expansion of the critical awareness of the teacher / historian about the use of other tools such as sensory ambience and narratives for the production of historical knowledge in teaching practices.

Keywords: Archive, Narratives, Teaching.

INTRODUÇÃO

Este texto aborda algumas reflexões sobre a organização e o uso de arquivos para as atividades de ensino da história, na medida em que se torna um campo definido por estratégias didáticas para a exploração de fontes arquivísticas, da ambiência sensorial e de suas narrativas. E neste sentido, apontam-se alguns questionamentos: de que maneira o arquivo pode ser um campo das experiências de ensino de História, e quais seriam os impactos do ensino neste espaço de memória para a produção do conhecimento histórico? Estas questões levam a se pensar outros campos de ensino, e o papel essencial que os professores exercem no processo de mudança social e transformações em suas práticas e cultura para o enfrentamento do mundo contemporâneo.

Pontua-se que o ensino de história em arquivos, atento ao aspecto sensorial do ambiente e às narrativas, depende da sensibilidade e da singularidade, na tarefa do

professor/historiador, tanto para interrogar documentos quanto para a construção de suas fontes, alinhando-se a um referencial teórico que discuta as recentes questões sobre a construção de conhecimento histórico no processo de ensino-aprendizagem. Neste aspecto, consideram-se necessários utensílios e epistemologias que orientem a pesquisa histórica, na perspectiva do ensino de História. Portanto, o objetivo aqui é refletir sobre as possibilidades de o arquivo ser um campo de ensino e mediação da aprendizagem.

Para estas reflexões, apresentam-se alguns pontos de uma experiência de ensino de História no Arquivo da Vice Província Lombarda-Maranhão-Pará - AVPLMP², em São Luís - MA, ocorrida no período de 2014 a 2017, com estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. É uma oportunidade para se pensar o arquivo enquanto campo de ensino de história. Um espaço diferente, como possível ampliação da consciência crítica do professor/historiador sobre a utilização de outros utensílios como as narrativas e a história oral para a produção do conhecimento histórico nas práticas de ensino.

Além da utilização do espaço físico, no trânsito entre estantes, pastas de documentos, salas, móveis, equipamentos eletrônicos, há também a possibilidade de ampliação das informações no âmbito do ensino-aprendizagem pelas vias das narrativas, considerando-se a construção das fontes orais obtidas por missionários capuchinhos, responsáveis pelo referido Arquivo, no Convento da igreja de Nossa Senhora do Carmo, em São Luís - MA. Segundo (PORTELLI, 1996), estas fontes contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez.

Na experiência de ensino com as estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, no período de 2014 a 2017, no

²Arquivo da Vice Província do Maranhão-Pará - AVPLMP, do Convento do Carmo, situado à praça João Lisboa, Centro da cidade de São Luís - MA. É um arquivo organizado e administrado por frades capuchinhos da Província Lombarda de Milão - Itália. Contém um acervo de documentos referentes à Missão Capuchinha no Maranhão (1894-1922). Além desses documentos, há muitos outros referentes à História do Estado do Maranhão, às escolas capuchinhas e atividades de frades e freiras em asilos, hospitais, escolas e pastorais nos Estados do Maranhão, Pará, Amazonas e Amapá.

Arquivo dos capuchinhos, escutar as narrações sobre o *acontecimento* missionário foi uma *aventura*, visto que o fio condutor era apenas o trajeto para grandes descobertas sobre as *narrativas* que se reportavam a aproximadamente 150 documentos selecionados naquele acervo documental do Convento do Carmo.

Percebeu-se, nas entrevistas com frades e freiras capuchinhos, o quanto um *acontecimento* de missões das ordens religiosas parece ter um único fio condutor do tecido: a evangelização de povos, em lugares onde a Igreja ainda não estabelecera a sua territorialidade ou a manutenção da fé cristã. Com o entusiasmo missionário, os locutores expressavam detalhes sobre uma rede de expansão das ações eclesiais nos continentes. Entretanto, notou-se, nas suas vagas e nos seus nós discursivos, que essas missões dependiam de pessoas vocacionadas, que se dispusessem a sair de suas famílias, de suas pátrias e culturas para desenvolverem estas ações missionárias em outros contextos. Ali no Arquivo estava muito da história social e cultural da cidade, do Estado, do Brasil e da Europa. Um panorama pleno de circunstâncias históricas nacionais e internacionais, interessante conteúdo para o alcance de importantes objetivos de aprendizagem.

Nas falas dos capuchinhos responsáveis pelo Arquivo, percebia-se que as missões religiosas dependiam igualmente das convicções pessoais dos missionários e de suas projeções. Os entrevistados declaravam que muitos não tinham a mínima ideia do que iriam encontrar em missão. E, por mais que fossem preparados espiritualmente, não conseguiam descolar as suas famílias, as suas pátrias e a sua cultura das relações missionárias com o outro, de pátria e cultura diferentes. Na metodologia da história oral foi possível perceber que uma missão poderia se tornar uma *aventura*, mas com a responsabilidade de quem está comprometido com um objetivo maior alimentado pela vocação. Naquela ambiência arquivística, vinham à tona questões de ordem social e cultural intrínsecas à aprendizagem no ensino de História.

Esta experiência de ensino, no âmbito da história oral caracterizou-se pela construção das fontes, considerando-se as entrevistas como imprescindíveis para a aproximação dos discursos documentais à oralidade, ambos nas suas condições de

produção³. Porém, estas entrevistas precisaram ocorrer na esfera do ensino, com a colaboração, com profissionalismo e a consciência de que tal procedimento aconteceria em uma relação muito delicada entre o “eu” e o “outro”. Para tanto, foi necessária a apropriação dos temas que poderiam ser explorados, como: história, memória, educação, formação religiosa, religião, religiosidade, política de Estado e eclesiástica, para que os objetivos formativos fossem alcançados pelo contato com informações possíveis, e articulação com segurança do procedimento metodológico, obtendo fontes seguras e coerentes, sobre experiências concretas de alguém. Nesta perspectiva, foram experienciados os trabalhos de ensino no arquivo dos Capuchinhos.

A ESCOLHA DO ARQUIVO PARA O ENSINO DA HISTÓRIA

Para a experiência de ensino em outro espaço, que não fosse o acadêmico, a sugestão foi convidar estudantes da Pedagogia para o reconhecimento do espaço arquivístico e aproximar documentos e oralidade, em uma prática planejada de ensino de História. Partiu-se de um prévio planejamento. Houve a primeira visita ao Arquivo Vice Provincial Maranhão-Pará (AVPMP), para a apresentação de uma proposta de trabalho e o exame dos documentos ali existentes. Precisou-se especialmente ouvir os missionários. Apalavradas as intenções e um protocolo de trabalho, com a confiança adquirida pelos frades, passou-se a desenvolver um trabalho de ensino naquele ambiente, assiduamente, com a pretensão de combinar cenário, documentação e narrativas. Era um cenário de ensino diferente, no qual todos os elementos levavam a informações históricas, como os sons dos sinos, o cheiro do incenso, o amarelado dos documentos, as palavras próprias daquele ambiente, inclusive o idioma italiano, remetendo ao diálogo entre culturas.

³ Trata-se das “condições de produção” dos documentos e da oralidade dos frades Arquivistas-Historiadores, sobre o que foi vivido por seus antecessores, desde os primórdios da *Missão*. Aqui, foi necessário investir na análise das *circunstâncias históricas* de um discurso. E sobre estas condições, puderam-se observar orientações da Análise do Discurso, quando sugere a solicitação exterior dos documentos; e relacionar linguagem, sujeito e história (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

A relação entre estes espaços de memória e uma história ali escrita e contada teve a sua grandeza, pois guardam justamente *histórias de si*. Neste sentido, é oportuno trazer a autora Circe Bittencourt (2004, p. 276), quando esta assevera que “do ponto de vista do desenvolvimento intelectual o estudo do meio favorece a aquisição de uma série de capacidades, destacando-se a *observação* e o *domínio* de organizar e analisar registros orais e visuais”. Portanto, lá se estava acessando os espaços e transitando pelos documentos, encontrando discursos, experimentando ambiências, relicários, atmosferas, e outros elementos tangíveis e intangíveis de uma cultura conventual e missionária, para a escuta e coleta de dados. Todo este cenário justificava o ensino e a pesquisa no Arquivo do Convento do Carmo, especificamente as expressões orais que abriram para:

várias percepções de trabalho com os documentos, pois ainda era possível ter a sensação de sentir o cheiro daqueles tempos idos missionários, pelo incenso, que ainda é aceso na Igreja do Carmo; ouvir igualmente os sons dos sinos das missas; vivenciar as normas de conduta do Convento para a comunidade, e da comunidade para o Convento, numa circularidade de gestos e valores, que foram se adaptando ao longo da história missionária capuchinha lombarda, no Maranhão (CARVALHO, 2018, p. 49).

As primeiras orientações e conversas acerca das atividades de ensino e de pesquisa foram instruídas pelo frade mais idoso, *Rogério Beltrami de Milão*⁴, um dos únicos capuchinhos da terceira geração dos frades lombardos, que participaram da Missão Capuchinha no Maranhão, e que ainda vive em São Luís, capital do Estado do Maranhão.

Na oportunidade, surgiram reflexões sobre a responsabilização e a ética do professor/historiador no planejamento de sua prática de ensino e as devidas providências, para produzir conhecimento, a partir da história oral. Nesse passo, foi

⁴ Frei Rogério Beltrami é o capuchino Decano da Província de Milão. Nasceu (1925) e se ordenou Padre em Milão (1950). Tornou-se Professor no Seminário da Ordem em Varese, Itália. Lecionou a matéria Física, área acadêmica da qual obteve diploma na Faculdade de Nápoles. Foi enviado ao Brasil, como missionário, em 1953. Pertence à terceira geração [vinda ao Brasil] dos frades lombardos e teve contato direto com alguns frades da primeira geração. Trabalhou nos Estados do Maranhão, Pará, Amapá, Ceará e Piauí. Lecionou em Fortaleza, Messejana e Guaramiranga (CE), Parnaíba (PI) e Belém (PA), Arqueologia Bíblica, especialidade obtida através de diploma concedido pela Faculdade de Jerusalém (CARVALHO, 2018, p. 49).

interessante observar que a história oral trata da subjetividade, memória, discurso e diálogo. Efetivamente, as “boas maneiras e respeito pessoal constituem um bom protocolo para o trabalho de campo” (PORTELLI, 1996, p. 22). Professor e estudantes, naquele ambiente, passaram a ouvir mais respeitando o tempo e o espaço dos interlocutores.

Com a devida atenção à escuta foi possível compreender que a oralidade é motivada por “rastros, distância, mediação, uma história, uma reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1981, p. 11). Portanto, a aprendizagem deu-se pela estruturação dos procedimentos da história oral da pesquisa nas aulas sobre a Missão Capuchinha no Maranhão (Século XX), partindo-se, primeiramente, dos objetivos, e aproximando as falas com os documentos sobre a Missão para encontrar saídas de um labirinto arquivístico. Era a oportunidade do encontro com a História política, social e cultural na circularidade de elementos locais e globais.

Após as primeiras visitas/aulas, observou-se que existem significativos documentos nos arquivos da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos⁵ - OFM^{Cap}, organizados ao largo de sua história, desde a chegada em Pernambuco, depois, ao Maranhão e ao Pará: cartas diversas, Atas de reuniões, relatórios, cartas necrológicas, livros, fotografias, obras de arte sacra, entre outros que se encontram no Arquivo e no Museu do Convento do Carmo, em São Luís - MA, disponibilizados a quem interessar pesquisá-los.

Para as práticas de ensino, alguns documentos do arquivo foram selecionados para as leituras, no sentido de uma apropriação dos conteúdos inscritos ali. Efetivamente, as questões feitas aos documentos buscavam *acordar palavras*⁶ que se

⁵ Frades de uma ramificação da Ordem Franciscana primeira, fundada pelo primeiro grupo masculino, congregado por Francisco de Assis. Desta primeira Ordem derivaram todos os franciscanos religiosos: os Frades Menores (Observantes Reformados); os Frades Menores Conventuais; e os Frades Menores Capuchinhos (**Ordem dos Frades Menores Capuchinhos - OFM^{Cap}**), pela reforma de 1528 (CARVALHO, 2018, p. 19).

⁶ Refere-se à expressão “*Acordando palavras adormecidas*”, utilizada pelo Frei Rogério Beltrami de Milão, quando apresenta a atividade no Arquivo dos capuchinhos do Convento do Carmo, dando as boas-vindas aos visitantes.

encontravam ali *adormecidas*. Para tanto, as interrogações sobre aquele acervo foram muito pontuais, visto que muito do que era lido, logo se encontrava com a pergunta chave daquele trabalho de ensino e de pesquisa: *como a Missão Capuchinha apropriou-se do campo educacional feminino, para a evangelização no Maranhão nas primeiras décadas do século XX?* O interesse daquelas aulas era analisar a constituição de uma memória, buscando na história oral as experiências concretas de alguém que, apesar de não ter participado da Missão Indígena, mas tinha muito o que dizer sobre a vida missionária neste campo de atuação, pelo que ouviu dizer, leu, vivenciou regras e se orientou por uma Constituição⁷ religiosa.

Entrevistou-se o frei Rogério Beltrami, e este fazia questão de colaborar com quem desejasse pesquisar e aprender sobre a história da Missão Lombarda no Maranhão. Afinal, ele era o arquivista e historiador da Província Capuchinha do Norte e Nordeste do Brasil. Mas apesar de seus noventa anos de idade, à época desta experiência de ensino e de pesquisa, isto não o impedia, nem o grande interesse pelos estudos, tampouco socializar aquilo que estudou sobre as Missões, a História da Igreja, e atualizações sobre cultura e religião.

As entrevistas com frei Rogério Beltrami, frei João Franco e Demétrio Saccomandi partiram de temática com caráter abrangente, para o usufruto de narrativas⁸ descontraídas, mas coerentes com a documentação, e considerando as idades dos entrevistados. Dentre os procedimentos metodológicos das aulas, a gravação das falas foi bem instruída, em clima de espontaneidade, de relatos livres sobre uma questão central: *“O que é ser Capuchinho em tempos de Missão?”*.

⁷ Para esta atividade de ensino foram utilizadas duas Constituições para a leitura e análises: CONSTITUIÇÕES Capuchinhas Ordenações dos Capítulos Gerais (Texto de Fr. Vigilius A. Valstagna – Min. Gen. OFM Cap.). Roma: Curia Geral da Ordem, 1935; e CONSTITUIÇÕES da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Tradução oficial da Conferência dos Capuchinhos do Brasil. Porto Alegre: Estef, 2014.

⁸ Aqui, tratando-se de uma narrativa histórica. Mas, que, segundo (CARVALHO, 2018, p. 31), não visaria à acumulação completa e ordenada dos fatos históricos propriamente ditos, mas que seria relativa a um estatuto do acontecimento histórico que não o identifica com a dimensão do episódico na história. Uma construção do acontecimento histórico, produto do próprio questionamento da relação entre memória e esquecimento, que implica um trabalho de construção de temporalidades diversas e entrecruzadas. Mesmo porque esta possibilidade de construção emerge de um trabalho interrogativo desta história-memória que parta de um apelo do presente desde que este não se constitua num “igualamento amnésico da história” (SARLO, 1997, p. 40).

No trabalho com as narrativas considerou-se que faltavam ainda conhecimentos apropriados para processar todo o material gravado, pois as técnicas de análises dos dados não foram suficientes para a produção do conhecimento. Foi necessário lançar mão de elementos próprios da análise discursiva, inclusive considerar o aspecto sensorial da ambiência da escuta e para o encontro da falta daquilo que as palavras não conseguiam dizer. Percebia-se nesta atmosfera que a inteligibilidade da apropriação do acontecimento da Missão capuchinha independia das palavras ditas e ouvidas, mas parafraseando François Dosse, esta *apropriação dependia dos afetos, entre os muitos sentimentos de paixões, temor ou indiferença* (DOSSE, 2013). O que foi possível perceber no procedimento de história oral no ensino de História.

As estudantes aprenderam que as entrevistas deveriam ser livres, e depois de editadas, a metodologia de análise focou-se em descolar destas duas categorias, como: memória formação religiosa e memória missão capuchinha, que pudessem fornecer à história contada a sistematização do conhecimento; em seguida, analisá-las; depois, a de se preocupar com o que fazer com os referidos relatos; saber selecionar as fontes orais, através das entrevistas, pois nem tudo que é organizado, a partir de oralidades pode servir para dar respostas a um objeto de pesquisa. Constatou-se que *“acordar palavras adormecidas”* necessita de manifestação da sensibilidade e da singularidade no trabalho de história oral, para a produção de conhecimento histórico. Que aquelas narrativas mostravam uma experiência individual de vida concreta em uma Ordem religiosa, e que traziam lembranças de uma história coletiva.

Na tentativa de delimitar um tema para as práticas de ensino de História, recuperou-se parte do contexto histórico da Missão Capuchinha no Maranhão (primeiras décadas do século XX), contido nas narrativas. Esse contexto refere-se às origens da Missão Capuchinha; à política e a catequese indígena no Brasil, na Primeira República; às atividades missionárias no Maranhão e no Pará e o campo educacional feminino no Maranhão, como via profícua do trabalho de evangelização,

além da Formação religiosa dos capuchinhos. As negociações políticas entre Estado e Igreja; as metodologias e as consequências da Missão; o sentido histórico na atualidade também foram pontos de partida para se chegar às categorias já citadas, que poderão vir a constituir uma história interpretativa, através de suas análises.

A sistematização das fontes orais para a realização das aulas, no âmbito da pesquisa tornou-se um problema a resolver, na construção desse objeto de ensino, através de conceitos que seriam percorridos para se chegar com a possibilidade de produzir conhecimento, cujo compromisso era muito mais com as experiências dos sujeitos do que com a verdade. “Se tivermos um compromisso com a ‘verdade’, como conseguiremos que nossas ‘fontes’ nos deem sua versão daquilo que realmente acreditam ser verdadeiro?” (PORTELLI, 1996, p. 20). Segundo o autor, nunca, mas, orienta sobre, não obstante, fazer um esforço para criar um ambiente em que as pessoas tenham condições de estabelecer os próprios limites e de tomar as próprias decisões a esse respeito. Afinal, a história oral pretende-se democrática, através das entrevistas, pois, segundo Thompson(1992)é pelo sentimento de descoberta nas entrevistas, o meio ambiente imediato também adquire uma dimensão histórica viva: uma percepção viva do passado, o qual não é apenas conhecido, mas sentido pessoalmente. Em função disto, precisávamos de conceitos.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA PENSAR A HISTÓRIA ORAL NO ENSINO

As narrativas se manifestaram nas atividades de ensino, sob a ótica da história oral. Isto exigiu do professor/historiador uma atitude seletiva, consciente da impossibilidade de recuperar o passado “real”. Mas, as possibilidades de buscar os rastros de um passado, construindo as fontes orais, implicam nas habilidades e na sensibilidade na formulação de suas perguntas, em um protocolo coerente. Estas apontavam categorias de análise, que poderiam ser descoladas das narrativas, dos gestos e das circunstâncias das entrevistas. Neste contexto, foi possível perceber que o arquivo pode ser um campo das experiências de ensino de História, pelas vias das narrativas e da história oral, com a colaboração dos seus responsáveis. As atividades

de ensino contemplaram as entrevistas com os guardiões do Arquivo para a história oral.

Mas, a compreensão de que entrevistar não era fazer história oral, e que apenas era uma etapa, tornou-se imprescindível reconhecer que se estava diante de um estatuto diferente, que seria uma demanda metodológica para as aulas. Não simplesmente colecionar dados, mas, como conferir aos dados o *status* de documento. Como pensar um roteiro teórico que discutisse a origem, a “pertinência da transformação do conceito de documento” (MEIHEY e HOLANDA, 2007, p. 10) e o desafio de quem se vale da história oral como alternativa para ponderar o tempo presente.

Outro ponto importante referia-se às narrativas geradas nas entrevistas. Estas não existem sem memória. E é importante aprender que a memória está “em permanente evolução, aberta à lembrança e ao esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1981, p. 9). Le Goff (1994, p. 35) alerta sobre o fato de que “as marcas que restam do passado não são, muito comumente, nem as mais precisas, nem as menos adequadas para recompor uma determinada experiência social. Contudo, é a partir delas que se recupera a memória”.

Nas atividades de ensino de História no referido Arquivo, as oralidades manifestavam o cuidado da apresentação dos detalhes e particularidades da referida *Missão*. Ali, encontrava-se uma *força da narrativa*. É que o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (BENJAMIN, 1986). Por esse pressuposto, pôde-se identificar uma narrativa de detalhes interessantes sobre a vida religiosa conventual, por exemplo, e que, de certa maneira, causa impactos na produção do conhecimento histórico e nas vidas dos sujeitos que se tornam objetos de novos olhares.

Portanto, no trabalho de ensino e de pesquisa sobre a Missão Capuchinha no Maranhão (1905-1922), no arquivo, foi interessante descolar as fontes dos relatos

orais; a história das fontes e das circunstâncias nas entrevistas; os sujeitos da história e dos contextos; o historiador da história, para encontrar o espaço da experiência concreta do entrevistado. Tudo isto dependeu de escolhas singulares do professor/historiador, que deveriam negar as certezas veiculadas pelas fontes orais e lançar para os estudantes a responsabilidade da construção do conhecimento histórico e acadêmico. Portanto, quanto mais dúvida, mais incerteza, mais falta, mais negação, mais escolha e mais possibilidades entre alternativas. Esse foi o processo de ensino e aprendizagem, tentando “*acordar palavras adormecidas*”, com atenção à descontinuidade dos relatos e às pontuações trazidas pelas lembranças, aos esquecimentos, aos silêncios.

Esta atitude de negação refere-se à restritiva visão sistêmica sobre história oral e suas concepções para o ensino de História. Infere-se que é possível proceder a uma análise para além da técnica, para encontrar o lugar das finalidades, como intermediários que negociam aspectos das experiências dos outros. E o alvo esteve em uma primeira questão central, nas atividades de ensino no arquivo capuchinho: *Ser Capuchinho em tempos de Missão*, considerando-se que “na história oral, o objeto de estudos do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes” (AMADO e FERREIRA, 2006, p. 15). Aqueles que, consciente ou inconscientemente viveram os condicionamentos positivos e negativos do seu passado.

A história oral trabalha como o indivíduo se movimenta em determinada estrutura. No tema gerador das entrevistas foi possível identificar alguns pontos importantes, como: a formação dos frades; o Carisma franciscano; a concepção de Missão; as dificuldades operacionais e circunstanciais dos missionários; os objetivos individuais na Missão; o modo de narrar os acontecimentos da Missão; os papéis de indivíduos na organização e atividades missionárias; a correlação de Missão – Trabalho.

Frei Rogério Beltrami declarou sobre sua história individual, que “as dificuldades e as circunstâncias, desde a sua formação religiosa, foram de muito sacrifício. E que, “para ser escolhido para atravessar o Atlântico seria necessário um espírito valente e que pudesse suportar todas as dificuldades da Missão indígena”

(Entrevista 1)⁹. Nesta entrevista de sondagem foram obtidas informações de itens que pudessem vir a ser abordados nas entrevistas com outros frades e freiras capuchinhos, que esclarecessem diversos acontecimentos.

As entrevistas foram estendidas a outros dois frades que viveram em tempos de Missão muito remotos. No mesmo passo, outros frades e freiras mais novos participaram das entrevistas, e manifestaram as suas impressões sobre as atividades missionárias em outra perspectiva, a exemplo da área da educação e da saúde. Quanto à preparação da forma e ao conteúdo das perguntas, a preferência foi proceder a uma conversa livre com os mais idosos.

Definidas as categorias identificadas nas fontes orais, a partir de entrevistas, pontua-se que, epistemologicamente, o discurso contido nestes relatos poderia ser considerado a partir dos seguintes aspectos: a memória coletiva que, segundo Halbwachs (2006) influencia muito forte sobre o individual, de forma que a memória do indivíduo é conhecida e reafirmada a partir de uma interação coletivizada. Diante disso, os indivíduos são apenas testemunhas de suas recordações, que necessitam de socialização para serem recontadas.

As atividades de ensino valeram-se da narrativa de histórias de vida, amparada pela história oral, considerando-se que a memória depende “dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala” (MEIHEY e HOLANDA, 2007, p. 35), e que se constitui uma descrição de pontos de vista sob acontecimentos coletivizados ou que perpassaram as suas gerações, como por exemplo, o Massacre de Alto Alegre – MA, promovido pelos indígenas; a malária na floresta e outros. Por outro lado, foi muito interessante aprender a buscar a História real, o que está fora da fala documental, diante da qual as palavras são limitadas. Infere-se que analisar os relatos orais para identificar as fontes não foi suficiente para a organização do ensino no arquivo, mas a impressão destas que convocou os elementos que nos possibilitaram analisá-las. Eis que, na história oral, a produção de

⁹ Entrevista concedida no dia 16 de outubro de 2015, por Fr. ROGÉRIO BELTRAMI DE MILÃO.

fontes dependeu do refino da sensibilidade, através da qual se pretendeu produzir uma impressão da História.

Quando se diz que fonte oral depende da memória, percebe-se o quanto deva ser curioso enfrentar a história oral como trabalho de ensino e de invenção científica. Sim, porque, segundo Bachelard (2007, p. 18), as perguntas inseridas no processo de compreensão do objeto, quer para a Ciência, quer para a História parecem ser dotadas de um “espírito científico”, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído.

Entretanto, sugere-se que, para a utilização da história oral nas atividades de ensino, deva haver uma necessidade de profunda reflexão teórico-metodológica, buscando compreender o que há de singular em cada conjunto de fontes orais, a fim de realizarmos a operação historiográfica. No caso das atividades de ensino e de pesquisa sobre a Missão Capuchinha no Maranhão (1905-1922), em um arquivo, foi muito importante planejar a entrevista com os frades e freiras, por idade, a começar pelos mais idosos; depois, os mais jovens. Identificar, por exemplo, quais os nexos e circunstâncias históricos estariam nas atividades missionárias relatadas.

Foram delineadas questões básicas, diante do vasto material discursivo, como: que tipos de discursos estão presentes nos relatos dos Capuchinhos que trabalharam no Maranhão, e quais as ações mais importantes desses sujeitos históricos? Precisava-se de métodos para as análises dos relatos, tendo em vista a seleção das fontes para o aproveitamento o máximo de materiais disponibilizados pelos entrevistados. Segundo Le Goff (1993, p. 25), o progresso dos métodos e das técnicas permite pensar que uma boa parte importante dos documentos do passado esteja ainda por se descobrir. Portanto, seguimos na busca de uma razão nas oralidades.

O ENSINO NO ARQUIVO E A CONSTRUÇÃO DE FONTES ORAIS

Aqui, serão exemplificadas algumas possibilidades de construção de fontes orais, e que foram localizadas, referentes à história e à memória da Missão Capuchinha no Maranhão, no arquivo capuchinho. As entrevistas puderam ser

utilizadas nas atividades de ensino, e estão disponíveis para pesquisadores, tanto pela Ordem Capuchinha (Convento de Nossa Senhora do Carmo – São Luís – MA e Belém – PA/Convento dos Capuchinhos) como pela Congregação Missionária Capuchinha (Casa Geral – Porciúncula – Messejana/Fortaleza - CE).

Mas, as atividades de ensino no arquivo foram iniciadas pela expectativa criada nos primeiros ensaios de buscas. O primeiro passo foi acessar o Arquivo, o que aumentou as expectativas de encontrar um campo pronto, reduzido na concepção de um espaço e de um relato, para que fossem buscados os seus sentidos. De fato, não havia nada pronto, nem reduzido. Mas, gradativamente, passou-se a perceber a importância de tantos documentos, de tantas falas, de tantos relatos interessantes. Soltos. Incompletos. Percebeu-se as vantagens de suas surpresas. Sobre isto, Farge (2009, p. 38) afirma que:

O arquivo é suficientemente claro e fecundo para permitir que se vá além de uma *reprodução* cristalizada de sua pessoa que a petrifique em seus gestos e em suas vestes, como uma gravura de época. O arquivo, aos pouquinhos, oferece um esboço vivo, no qual ela se revela tal como é, ou seja, às voltas com os imprevistos da vida social e política.

Nesta perspectiva, foram demarcadas as possibilidades de ensino neste Arquivo capuchinho, bem organizado e preservado para as pesquisas, inclusive com muitos dados já digitalizados, o que possibilita ainda mais a preservação e o acesso. Além disso, ainda existem religiosos que se apropriaram do passado da Missão Capuchinha, e procuram vivê-lo conscientemente e sem abalos, narrando as suas experiências missionárias, no sentido de preservarem uma memória coletiva.

As possibilidades de fontes orais que foram analisadas estão localizadas nos grupos religiosos, organizados a partir do conteúdo específico que foi abordado nos depoimentos. Portanto, para cada entrevistado foram elaboradas questões pontuais. Exemplos: nas entrevistas dos frades mais idosos, o entrevistador ficou atento ao que diziam sobre o Frei João Pedro, Superior da Missão Indígena e fundador da

Congregação Missionária Capuchinha - CMC (1905), relatando a problemática da Missão no Norte do Brasil e a fundação de uma Congregação feminina para colaborar com a Missão no Pará, por exemplo. Bem como, os relatos sobre o funcionamento dos Conventos; a história pessoal do Fundador da CMC e da organização missionária para a fundação da Congregação; e outros eventos que acordam nos relatos.

Estas entrevistas foram examinadas em termos de sua coerência interna. Para isto, deveriam ser lidas como um todo, considerando que:

Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa - o entrevistado - orchestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjetividade está muito presente: uma pessoa fala. Diz 'Eu', com o seu próprio sistema de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente (BARDIN, 2011, p. 89).

Portanto, nestas atividades de ensino, despertar palavras com suas ideias do passado foi uma tarefa de atenção em processamento de dados, à luz dos conceitos sugeridos para que fosse possível avançar na construção de uma história interpretativa.

O ensino no arquivo partiu da análise da construção da memória de uma missão capuchinha, dos momentos, que se aproximam o mais possível do real, pressupondo, ainda, não apenas um recontar a história, mas, refleti-la no que nela contém de significativo, pois escrever uma história é gerar um passado, circunscrevê-lo, organizar o material heterogêneo dos fatos para construir, no presente, uma razão (CERTEAU, 1998). Portanto, sugere-se a provocação de situações-problemas para que o ensino de História nos arquivos, através das oralidades tenha significado para a construção do conhecimento histórico.

ENTREVISTAS NOS ESPAÇOS DO ARQUIVO

As entrevistas eram conteúdo de ensino. O objetivo era ouvir os pontos de vista; os depoimentos, com atenção à cronologia apresentadas pelos entrevistados, e a sua “percepção quanto à reconstituição de um quadro que muitas partes foram esquecidas” (HALBWACHS, 2006, p. 2). E “como cada narrador descreveu um ponto de vista sobre acontecimentos coletivizados ou que perpassaram as suas gerações” (BOSI, 1994, p. 480), as entrevistas partiram do seguinte roteiro: 1) Qual o significado de ser um (a) religioso (a) capuchinho (a)? 2) O que lhe motivou a seguir a carreira religiosa? E por que ingressar na Ordem Capuchinha? 3) A vivência religiosa hoje sofreu algum impacto na conjuntura atual? 4) As Regras institucionais têm sido abaladas na sociedade atual? Exemplifique. 5) Essas Regras são revisadas pela Ordem Capuchinha e pela Congregação? 6) Qual a sua concepção de “Carisma Franciscano”? 7) De acordo com a sua concepção, como o “Carisma Franciscano” fundamenta a sua Espiritualidade na vida conventual da Ordem franciscana? 8) Na sua vida missionária, existe algum evento que considere expressivo (marcante, significativo)? Por quê? 9) Como você se apropria do passado da Ordem capuchinha? E o que isto representa para a sua vida religiosa? 10) A “Missão capuchinha” de hoje tem atendido melhor a comunidade do que no passado? Ou ambas sempre atenderam aos anseios e necessidades da comunidade onde se encontrava? 11) Há alguma passagem que julgue importante de ser registrada em nosso estudo? A identificação foi um outro ponto importante para a compreensão da discursividade nas entrevistas. Para isto, foram solicitados: nome; naturalidade; escolaridade; curso; instituição; ano de conclusão; função na Ordem Capuchinha, ou na Congregação.

Conscientes da complexidade nas entrevistas, no âmbito das necessidades operacionais das fontes orais, a escolha foi a articulação dos conceitos de História e Memória com a história oral. Nas últimas décadas do século XX, o campo da História passou a despertar o interesse sobre os elos entre a História e a Memória apontando para a necessidade de considerar a memória sob o ponto de vista da fonte histórica e como fenômeno histórico (BURKE, 2000). Aqui, a complementaridade dos conceitos,

iluminando a constituição da memória, através da história oral, favoreceu melhor compreensão sobre os fatos.

O Arquivo capuchinho era efetivamente um campo de ensino, realizado pelas trilhas da história oral e pelo discurso nas *condições de produção* tanto das narrativas orais quanto dos documentos. A aprendizagem era despertada pelo encontro de vestígios do *acontecimento*, no despertar de palavras adormecidas no arquivo, considerando-se as suas *circunstâncias*, um contexto sócio-histórico e o aspecto ideológico. Neste sentido, percebeu-se que, segundo Pêcheux (1994, p. 77), “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. E, na oportunidade, foi igualmente relevante descolar do discurso intersubjetivo das oralidades uma *narrativa histórica*, considerando as suas características comuns, pois ambos são discursos, e que se tornaram fontes históricas.

Portanto, ao professor/historiador o compromisso de um delineamento mais criterioso de seus objetivos, pois no sentido metodológico podem surgir muitas inquietações que devem ser pontuadas, como: de que forma as lembranças individuais manifestam as representações dos grupos sociais? Quais memórias são mantidas e as formas pelas quais são lembradas? O que é lembrado, mas que não foi vivido? Quais os princípios de seleção da memória social e individual, observando as suas variações? Enfim, como as subjetividades se apresentam na reconstrução do passado? Infere-se que para a compreensão destes aspectos metodológicos o conceito de Memória possa ter uma função epistemológica para orientação destas análises.

Para esta atividade de ensino utilizou-se a interlocução de cinco religiosas da CMC, que estudam sobre a Missão no Maranhão, cinco frades capuchinhos, entre os que ainda habitam no Maranhão e um que reside em Milão, buscando suas vozes para que pudessem protagonizar seus discursos, práticas, suas experiências vivenciadas no passado, bem como situar singularidades no trabalho missionário. Mas, nos alerta (BARDIN, 2011) que:

A análise de conteúdo de entrevistas é muito delicada. Este material verbal exige uma *perícia* muito mais dominada do que a análise de questões abertas ou à análise de imprensa. [...] De forma geral, o analista confronta-se com um conjunto de entrevistas, e o seu objetivo final é inferir algo, através dessas palavras, a propósito de uma

realidade (seja de natureza psicológica, sociológica, histórica, pedagógica...) representativa de uma população de indivíduos ou de um grupo social (BARDIN, 2011, p. 90).

Contudo, os relatos ricos de informações evidenciaram o conjunto de valores de cada época, o que movimentou as práticas no sentido de sua adequação ao momento atual, manifestando as representações construídas no decorrer da História. Dessa forma, as representações do mundo social são determinadas pelos interesses dos grupos que as tecem. Portanto, para cada caso, torna-se necessário relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza: dos discursos das freiras da CMC e os discursos dos frades da Ordem Capuchinha, por exemplo. De acordo com Chartier(1998), representação é um instrumento de conhecimento imediato que faz ver um objeto ausente, através de sua mudança por uma “imagem” capaz de reconstituir em memória e de figurá-lo tal como ele é. Assim são constituídas as identidades, as concepções morais e outras construções, e tais fenômenos chegam ao estatuto de fenômeno histórico.

É importante destacar que a finalidade de utilizar o relato oral como parâmetro explicativo do professor/historiador não foi o de comparar ou desmentir ideias, e sim do registro e da análise de práticas singulares, isto é, a tentativa de entender como uma pessoa no particular perfila suas experiências, como as seleciona e as ordena em meio à urdidura das tramas históricas, e de como estas particularidades, nas formas variadas de apropriação e representação, se refletem na história de instituições, por exemplo. Ou seja, são procedimentos que utilizam técnicas e métodos de organização do conteúdo de pesquisa, mas que dependem de epistemologias que servem de lentes nas análises desse material, possibilitando uma pesquisa histórica interpretativa para a produção de conhecimento histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste texto, apresentamos uma possibilidade de utilização do arquivo como um campo de ensino de História, sob os cuidados de fazer história oral, que apesar de parecer óbvio, deve manter um alerta, pois ainda há uma tentação pela superficialidade do que se apresenta como vestígios históricos. Empreender-se em outras perspectivas de campo de ensino, ou seja, na busca de outros cenários para as atividades de ensino e aprendizagem, além da construção de fontes em oralidades, selecionando-as, descartando-as, depois, retornando aos relatos para garimpar minuciosamente, é antes de tudo reconhecer que muito ainda temos que conhecer sobre ensino e aprendizagem em arquivos.

Foi interessante buscar a compreensão de que cada fala, nas oralidades, pode-se configurar em fonte, ou não, o que dependerá exclusivamente das interrogações feitas na construção de um objeto, através de epistemologias, da sensibilidade e da singularidade no trabalho do professor/historiador.

Tratou-se das necessidades epistemológicas na história oral, determinante para o trato com as oralidades na busca de fontes, considerando que nem tudo pode ser utilizado como fonte, apesar das aparências. Que existem conhecimentos próprios do fazer história oral, na perspectiva de complementaridade com os documentos escritos.

As possibilidades de fontes orais para o ensino e a pesquisa sobre a Missão Capuchinha no Maranhão (Século XX) foram apresentadas com o objetivo de apontar o quanto as palavras adormecidas de um passado encerram uma memória de ensinamentos e de vida, da qual o professor/historiador precisa se apropriar, com a consciência de que muito ainda há de ser garimpado para encontrar outras respostas para as atividades de ensino.

Os conceitos de Memória e de História oral, para a operação historiográfica sobre a Missão Capuchinha no Maranhão (Século XX), foram articulados intercedendo às categorias, na busca do novo na pesquisa histórica. Verificou-se que o trabalho com as fontes orais e sua sistematização pode ser correlato à invenção científica, pela perspectiva interrogativa inserida no processo de compreensão do objeto.

A pretensão deste texto foi apresentar a possibilidade de utilizar o arquivo como campo de ensino de História, através da disponibilidade documental e da realização da história oral, como uma razão. Neste passo, pontua-se que a sensibilidade e a singularidade no trabalho do professor/historiador são condições decisivas na construção criativa do seu cenário do ensino. O Arquivo tornou-se um campo de ensino a partir dos encontros, das leituras sobre uma história contida ali. Foram interessantes os questionamentos gerados nessa experiência de ensino, no sentido de desmistificar o ambiente, para abri-lo aos seus múltiplos sentidos. Eram muitos sentidos. Paraphrasing Farge (2009, p. 36), um excesso de sentido quando aquele que o lê sente a beleza, o assombro e um certo abalo emocional. Esse lugar é secreto, diferente para cada um, porém, em todo itinerário ocorrem encontros que facilitam o acesso a ele e, sobretudo, à sua expressão.

Neste sentido, o ensino valeu-se da história oral, alinhavada pelo fio condutor dos discursos, abrindo-os à interpretação, através de epistemologias, com o desejo de laborar os fatos, as fontes, e de entrar num processo de produção de conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marianta de Moraes Ferreira. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Obras escolhidas, 1).

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2000.

CARVALHO, Maria Goretti Carvalho de. **A missão do Maranhão (1894-1922): acontecimento, particularidades e enredamento nos arquivos capuchinhos**. Orientador: Luiz Fernando Medeiros Rodrigues. 334 f. Tese (Doutorado em História) - Escola de Humanidades - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.

CONSTITUIÇÕES Capuchinhas Ordenações dos Capítulos Gerais. (Texto de Fr. Vigilius A. Valstagna - Min. Gen. OFMCap.). Roma: Curia Geral da Ordem, 1935.

CONSTITUIÇÕES da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Tradução oficial da Conferência dos Capuchinhos do Brasil. Porto Alegre: Estef, 2014.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix**. Tradução de Constancia Morel. São Paulo: Unesp, 2013.

FARGE, Arlete. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MEIHEY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto Histórico**, São Paulo, 1981.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. (Org.). **Gestos de leitura**. Campinas: UNICAMP, 1994. p. 55-65.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ZIZEK, Slavoj. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1995. p. 143-152.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos - narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, Dez. 1996.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

Arquivo Geral Missionário Capuchinho, H 57, Doc. Off., A, 21; AOC, t. X, 1894, p. 363; t. XI, 1895.